

Corpo e Potência no Pensamento de Merleau-Ponty

Body and Power in Merleau-Ponty's thought

Maria Helena Lisboa da CUNHA
IFCH/UERJ

"A ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las" (MERLEAU-PONTY, 1979, p. 275)

Resumo

O pensamento de Merleau-Ponty se estrutura em três princípios diretores: o real é sempre o percebido, não há uma percepção sem mundo; o corpo *habita* o espaço e o tempo ao invés de estar no espaço e no tempo; esta ancoragem é arcaica e afetiva, denominada pelo filósofo de *experiência originária*. Em consequência do exposto, a *vivência* é o dado imediato e produção de sentidos, referencial maior do filósofo.

Palavras-chave: Corpo – espaço – mundo – percepção – vivência.

Abstract

Merleau-Ponty's thought is structured in three main principles: the actual is always the perceived, there isn't a perception without the world; The body *occupies* the space and time instead of being in space and time; this anchorage is archaic and affectionate, designated by the philosopher as *original experience*. As consequence from the exposure, the *existence* is the immediate given and the production of feelings, the philosopher's major reference.

Key-words: Body - space - world - perception - existence

Este texto pretende investigar, a partir das obras *Fenomenologia da percepção* (1966), *O Visível e o invisível* (1979) e *O Olho e o espírito* (1979), as relações tecidas entre o corpo, o espaço e o mundo, a partir da percepção do corpo vivido (*vécu*) e das experiências de espacialização existencial do *corpo*

próprio, com destaque para a ancoragem originária e afetiva do corpo próprio denominada pelo filósofo, *experiência originária*. A "experiência originária" é uma camada fenomenal, nem antilógica nem irracional, que permite captar um sentido latente, difuso, definindo-se como um meio não tematizado que serve de fundo

a todo ato de consciência, primado do pré-reflexivo: “A experiência revela sob o espaço objetivo, no qual o corpo existe, uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o envelope e que se confunde com o próprio ser do corpo”¹.

Esta espécie de comunicação do corpo com o mundo tem, como premissa, a afirmação radical de Merleau-Ponty de que “nosso corpo não está no espaço: ele é o espaço”². E, para exemplificar, o filósofo descreve diversas experiências, uma das quais relatamos a seguir: trata-se das experiências de Stratton sobre a inversão das imagens em um dado campo perceptivo, através do uso de óculos apropriados para inverter as imagens retinianas. Nessas experiências, apesar da inversão do campo, o sujeito continua identificando o mundo sem precisar se utilizar de conceitos porque vive nele, ele não lhe é estranho; ele aí coloca o seu centro de gravidade. No começo da experiência o campo visual parece distorcido e irreal, porque o sujeito não vive nele e, portanto, o desconhece. Aos poucos, porém, a ele vai se acostumando ao estabelecer relações orgânicas. Essa possessão do mundo pelo sujeito, através do seu corpo, é que dá origem ao espaço³. Em nota de rodapé a essas experiências de Stratton, Merleau-Ponty referenda o fato de que nós ficamos em pé não pela mecânica do esqueleto ou mesmo pela regulação nervosa do tônus, mas porque estamos engajados num mundo, se este engajamento se desfaz, o corpo afunda e se transforma em objeto⁴.

Outro exemplo característico pode ser pinçado na literatura infantil. Referimo-nos às histórias de Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas* e *Alice no país dos espelhos*. Quando Alice caiu no buraco da árvore, o mundo lhe pareceu às avessas e ela pensou

enlouquecer: “Oh, céus, a que latitude e longitude estarei?” Mas, com a continuidade do seu sonho, ela se habituou ao mecanismo de crescer e decrescer, subir e descer, engordar e emagrecer, andar de cabeça para baixo, tomar chá com o chapeleiro louco, conversar com uma lagarta e ver aparecer e desaparecer um gato muitíssimo esquisito. Dessa maneira, ela consegue estruturar a sua realidade conforme o referencial dado. Observemos esta passagem do relato: “Nisso, ela viu, debaixo da mesa, uma caixinha de vidro. Abriu-a e encontrou um bolinho com confeitos prateados formando a palavra COMA-ME. Bem, vou comê-lo, disse Alice. (...) Se eu crescer bastante, apanho a chave. Se, ao contrário, encolher mais, passo debaixo da porta. De todo jeito, entrarei naquele maravilhoso jardim. Nada mais importa!”⁵.

As colocações de Merleau-Ponty sinalizam para o fato de que a realidade “em si” é inapreensível como tão bem demonstrou Kant com o conceito de *noumeno* (do grego *noûs*, espírito), nós só podemos apreender o fenômeno tal como ele aparece para as nossas sensações, daí que o real seja sempre “parasi”, constituído juntamente com a corporeidade: “Todo vivido é vivido sobre o fundo do mundo”⁶. Por isso, podemos perceber um sem número de realidades correspondentes a diversos modos de estruturação do espaço e de sua fixação ao mundo; esses espaços são antropológicos porque são abertos pelo homem: a realidade do adulto que se considera “civilizado”, a do primitivo, a infantil, a do doente mental, a da arte, a do matemático, a do místico, e por aí vai. Além do mais, cada um tem seu mundo privado, ao lado dos demais: “O mundo, diz Maria Seabra, “é o lugar do encontro, onde nós reencontramos os instrumentos que construíram nosso próprio mundo”⁷. A única certeza infalível é a da

¹ M. MERLEAU-PONTY. *Phénoménologie de la perception*, p. 173.

² id., *ibid.*

³ id., *ibid.*, pp. 282-283.

⁴ *ibid.*

⁵ CUNHA, *Espaço real, espaço imaginário*, 1998, pp. 75-76.

⁶ M. MERLEAU-PONTY, *ibid.*, p. 381.

⁷ Marie SEABRA Lou-BET. *La mise en question...*

própria vivência. Portanto, ela é sempre uma experiência emocional, vale dizer, na encruzilhada da intensidade e do embate das forças. Toda certeza objetiva está, desde já, questionada uma vez que temos conhecimento da construção de modelos teóricos e/ou matemáticos em quaisquer experiências científicas, enquanto a certeza da vivência é fruto de um dado inicial: a sensação de estar vivo. Nessas condições, seremos tentados a inverter a máxima de Descartes, “Penso, logo existo”, pela fórmula Existo, logo penso, danço, corro, choro, amo, caminho, sinto, sofro, grito, etc. ... mais afeita às situações existenciais vivenciadas, configurando o fato de que a consciência está sempre engajada no mundo e com ele mantendo relações significativas: “Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é um objeto para um “eu penso”: é um conjunto de significações vividas que tende para o seu equilíbrio”⁸, por isso, “O corpo próprio está no mundo como o coração no organismo: ele mantém continuamente em vida o espetáculo visível, ele o anima e o nutre interiormente formando com ele um sistema”⁹.

Na realidade, há muito que o espaço cartesiano foi subvertido. Desde o século XIX, com as chamadas geometrias não-euclidianas de Riemann, Bolyai e Lobatchewsky, que partem da negação do postulado de Euclides, postulou-se um espaço não-dimensional em contraposição ao espaço tridimensional vigente. O postulado V de Euclides, enunciado aproximadamente no ano 285 a.C. em seus *Elementos* (I Escola de Alexandria), admite que, “por um ponto de um plano não pertencente a uma determinada reta pode-se traçar somente uma paralela a esta reta”. Bolyai e Lobatchewsky, em contrapartida, admitem que, “por um ponto de um plano não pertencente a uma determinada reta podem-se traçar quantas paralelas se quiser”. E a chamada geometria

riemanniana admite que, “por um ponto de um plano não pertencente a uma determinada reta, não se pode traçar qualquer paralela a esta reta”. Notemos, porém, que apesar da divergência de posicionamentos, todas as três hipóteses são válidas nos dias de hoje, havendo uma preferência por essa ou por aquela, conforme o modelo matemático que se pretende demonstrar¹⁰.

A partir desse posicionamento, toda a noção de espaço alterou-se. Não se trata mais do espaço físico, determinado em função das posições que os objetos ocupam no espaço, nem das relações entre eles, estejam à frente, atrás, longe ou perto, acima ou abaixo; o que importa, agora, é a movimentação do corpo nas áreas mundanas e suas trocas significativas. Por isso mesmo, o *Dasein* heideggeriano inclui o mundo como espaço: “o espaço só pode ser compreendido a partir do mundo”¹¹. Temos uma conceituação correlata em Cassirer para quem “O lugar é uma parte do ser”. Por isso, Merleau-Ponty acirra a discussão contra Descartes e a sua noção de espaço geométrico:

O espaço não é mais aquele falado na *Dioptrique*, rede de relações entre os objetos, tal como o veria um terceiro testemunho da minha visão ou um geômetra que o reconstruiu e o sobrevoa, é um espaço contado a partir de mim como ponto ou grau zero da espacialidade. Eu não o vejo segundo o seu envoltório exterior, eu o vi de dentro, eu estou englobado nele. Afinal, o mundo está em volta de mim, não diante de mim¹².

A consequência imediata dessa postura está relacionada à posição de um objeto no espaço. Sua posição não é contingente, como poderíamos supor para defendermos um ponto de vista clássico, porém necessária, visto ser ela o meio de reconhecê-lo e dele ter consciência como objeto: “cada objeto tem seu ‘alto’ e seu ‘baixo’, que indicam, para um nível dado,

⁸ Maurice MERLEAU-PONTY, P.P., p. 179.

⁹ Id., *ibid.*, p. 235.

¹⁰ Haroldo Lisboa da CUNHA. *A geometria de Euclides...*, pp. 283-298).

¹¹ Martin HEIDEGGER, *L'Être et le temps*, p. 143.

¹² Maurice MERLEAU-PONTY. *L'œil et l'esprit*, pp. 58-59.

seu lugar natural, o lugar que ele deve ocupar”¹³. Não podemos, pois, mover um objeto sem lhe retirar a sua significação: “o espaço não é o meio (real ou lógico) no qual as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas torna-se possível (...) nós devemos pensá-lo como a potência universal de suas conexões”¹⁴. A mesma postura se verifica no nível do corpo, que é concebido como um corpo virtual, sistema de ações possíveis, daí seu “lugar fenomenal” ser definido por seu comportamento e por sua situação, no contexto concreto em que esta se dá: “Meu corpo está onde há alguma coisa a fazer”¹⁵. Por este motivo, podemos falar de uma possessão do corpo pelo mundo, uma incorporação, eu aí coloco o meu centro de gravidade, corroborando a tese sartriana de que o homem é um ser “em situação”. Para Merleau-Ponty, como também para Sartre, ser é sempre sinônimo de “ser situado”.

Bachelard, em sua magnífica obra *Poética do espaço*, comenta a importância da casa, seus cantos e recantos, nichos e ninhos, gavetas, jardins, que têm sua ancoragem nos labirintos da alma, a casa como que tecida nas nossas entranhas, “porque a casa é nosso canto do mundo. Ela é (...) nosso primeiro universo. Ela é verdadeiramente um cosmos”¹⁶, sendo “corpo e alma, é o primeiro mundo do ser humano” (Idem, p. 26). Bachelard acrescenta que tudo em nosso ser é “alojado”, situado, portanto, não só nossas lembranças mas também nossos esquecimentos, nosso inconsciente, isto é, uma vez que a “nossa alma é uma mansão”, “lembrando-nos das ‘casas’, dos ‘quartos’, nós aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos”¹⁷. É por isso que, segundo o filósofo das duas vertentes do imaginário, a epistemológica e a poética, “a imagem

da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo”¹⁸, e para fazer esta afirmação, ele busca respaldo na conhecida imagem junguiana segundo a qual a alma (*psykhê*), seria como uma casa cujo andar superior foi construído no século XIX, o andar de baixo construído no século XVI e as fundações no século II¹⁹. É curioso o fato de a ‘casa-ninho’ do pássaro ter a forma interior do seu corpo, de sua intimidade, por isso ela é redonda como o corpo arredondado e abaulado de todos os pássaros, por ter sido feita de dentro para fora, pela compressão do corpo do passaro aos materiais colhidos na natureza, tais como palha e gravetos secos, como uma concha, corroborando a tese merleau-pontiana supramencionada de que “o corpo não está no espaço, ele é o espaço”.

A Poética do espaço é uma obra aberta a um sem número de significações e Bachelard compreende o homem como o “ser entreaberto”²⁰, daí que ele possa se liberar ao movimento de abertura e de fechamento, movimentos ambíguos que formam a tessitura própria do ser e, nesse caso, a porta aparece como o símbolo perfeito do entreaberto: “A porta condensa duas possibilidades fortes, que classificam claramente dois tipos de devaneios. Algumas vezes ei-la bem fechada, aferrolhada a sete chaves. Outras vezes, ei-la aberta, quer dizer, escancarada”²¹. Como não nos recordarmos de todas as portas que abrimos ou que não nos foi permitido abrir, no percurso de nossas vidas? E quantas não gostaríamos de reabrirmos? As portas sempre se abrem ou se fecham para os lugares do imaginário freqüentados pelos artistas, escritores e poetas, por isso Bachelard pergunta para quem se abrem as portas, se elas se abrem para o mundo dos homens ou para o mundo da solidão. Num outro texto²², uma imagem desenhada por uma das crianças

¹³ Maurice MERLEAU-PONTY. P.P., p. 293.

¹⁴ id., *ibid.*, p. 281.

¹⁵ id., *ibid.*, p. 289.

¹⁶ Gaston BACHELARD. *La poetique de l'espace*, p. 24.

¹⁷ id., *ibid.*, p. 19.

¹⁸ id., *ibid.*, p. 18.

¹⁹ id., *ibid.*

²⁰ id., *ibid.*, p. 200.

²¹ id., *ibid.*

²² Maria Helena Lisboa da CUNHA, Espaço real, espaço imaginário.

referendadas (Alexandre), nos fala também de uma porta, nesse caso, a porta que ela percebia em seus devaneios como limite, barreira, bloqueio, porta-impedimento de acesso ao mundo, porta-prisão (figura 38).

Opondo-se ao intelectualismo e ao empirismo, o primeiro por negligenciar a importância das sensações para a apreensão do mundo e o segundo por negar o sujeito percipiente, Merleau-Ponty põe em destaque as relações que determinam cada *acontecimento*, no sentido de uma totalidade aberta cuja síntese nunca é totalizada:

Já que nós somos histórias ambíguas, sorte e azar, razão, desrazão — cuja origem nunca é o saber, mas sim o acontecimento, nem sequer é imaginável que se possa traduzir a nossa vida em termos de conhecimento, a nossa vida, essa malha que vai escorregando. E que pode valer um pensamento humano sobre o homem, se é o próprio homem que se faz seu juiz e fiador? Assim, Merleau “ruminava a sua vida”²³.

Para Sartre, Merleau-Ponty foi o filósofo da compreensão da existência, do acontecimento, opondo-se a desrazão, opondo a história ao imobilismo do sujeito kantiano, “encontrava a sua segurança na multiplicidade das perspectivas: ele via nelas as facetas do ser”²⁴. A percepção era para o filósofo a preocupação maior: o mundo através do corpo e o corpo através do mundo, “Mas o mundo é também a história: talvez nós sejamos, em primeiro lugar, históricos”²⁵. Desde 1945 Merleau-Ponty escrevia: “Em resumo, nós aprendemos a história e afirmamos que ela não deve ser esquecida”²⁶. Sartre entende a obra da cultura, os trabalhos e as dores, os

utensílios, o regime, os costumes, como uma trama que ao mesmo tempo em que a pessoa a tece, cada vez mais a produz, mas não acredita na intersubjetividade em que o amigo acreditava: “ele sofria pelas suas relações com as outras pessoas: (...) através da Natureza, nela, ele viveu essa “intersubjetividade de imanência” que tantas vezes descreveu, e que nos faz descobrir através do outro a nossa “espontaneidade”²⁷. Por Natureza, o filósofo entendia o mundo sensível, a “carne do mundo”, onde encontramos os animais, as coisas e o nosso próprio corpo juntamente com os outros corpos. Segundo Capalbo, “Nossa abertura ao mundo se faz pela carne, assim como o mundo se abre a nós pela carne”²⁸. Por isso, adverte a autora, “O que importa reter é que o Ser é reversibilidade” pois, para Merleau, o “vidente e o visível são recíprocos”, o visível vê e é visto, sente e é sentido, toca e é tocado, sendo que essas propriedades só são possíveis porque elas vêm da “carne que é o único estofo”, vale dizer, pertencem à carne do próprio Ser Selvagem²⁹.

Por outro lado, Sartre corroborava com Merleau as amarguras e as decepções da guerra: “Nós tínhamos razão, em 1939, quando quisemos a liberdade, a verdade, a felicidade, as relações transparentes entre os homens, e não renunciamos ao humanismo. (Mas) a guerra... ensinou-nos que estes valores não permanecem nominais... sem uma infra-estrutura econômica e política que os faça entrar na existência”³⁰. No cômputo geral, apesar de convergências e divergências, Sartre interrogava fatos e Merleau, os acontecimentos: “Isso correspondia a interrogar o acontecimento na sua imprevisibilidade - e sem espécie alguma de preconceito - para nele

²³ Jean Paul SARTRE, *Situações IV*, pp. 166-167.

²⁴ id., *ibid.*, p. 169.

²⁵ id., *ibid.*

²⁶ id., *ibid.*, p. 171.

²⁷ id., *ibid.*

²⁸ Creusa CAPALBO. *A filosofia de Maurice Merleau-Ponty*, p. 124.

²⁹ id., *ibid.*, pp. 123-124.

³⁰ id., *ibid.*, p. 190.

encontrar uma lógica da temporalidade”³¹. Ora, nós sabemos que o tempo atravessa o vivido sintetizando a nossa percepção, por isso somos atravessados simultaneamente pelo passado, pelo presente e pelo futuro, “Em cada movimento de fixação, meu corpo ata em conjunto um presente, um passado e um futuro, ele secreta tempo”³². Podemos fazer uma intercessão com Nietzsche para quem tudo se reduz ao tempo, o tempo é o único fator que importa para a filosofia, o tempo e a sua eternidade: “O fato de que o ‘espírito’ existe, e que *ele é um* devir, demonstra que o universo não tem fim, não tem estado final, que ele é incapaz de ser”³³. A partir dessas colocações, Nietzsche conclui: “Nada me impede de calcular para trás a partir do momento presente e de dizer: ‘Eu não chegarei jamais ao fim’, assim como eu posso, a partir deste mesmo instante presente, calcular para diante até o infinito”³⁴.

A contribuição do pensamento de Merleau-Ponty sobre o corpo, o espaço e o mundo são incalculáveis, sua influência se faz sentir na filosofia, na psicologia, na psiquiatria, na enfermagem, na antropologia, na Medicina, na pedagogia, na fisioterapia, na literatura, nas artes, na dança; esta, sendo uma meta-linguagem posto que gestual, não-verbal, não-articulada, situa-se num campo pré-semiótico, isto é, anterior ao surgimento da linguagem articulada, por isso, mais do que todas as artes, a dança se institui na própria ação de dançar; dançar é, como afirma José Gil, “fluir na imanência”. Enfim, em todos os contextos em que o homem se encontra “em situação”, vale dizer, na sua mundaneidade, por isso podemos afirmar, sem constrangimento, que somos herdeiros da sua potência de pensar e que ela modelou o nosso século, do mesmo modo que um Marx, um Freud, um Nietzsche, um Sartre. Seu conceito de

sentido moldou o sentido do mundo contemporâneo, transformando as nossas vidas amesquinhas pelo pequeno mundo burguês em que estamos inseridos, num universo povoado de novos sentidos, vale a pena conferir na afirmação conclusiva:

Os fantasmas dos sonhos, dos mitos, as imagens favoritas de cada homem ou enfim a imagem poética não estão ligadas ao seu sentido por uma relação de signo à significação como a que existe entre um número de telefone e o nome do assinante; eles contêm verdadeiramente o seu sentido, que não é um sentido nocional, mas uma direção de nossa existência. Quando eu sonho que eu vôo ou que eu caio, o sentido inteiro deste sonho está contido neste vôo ou nesta queda, se eu não os reduzo à sua aparência física no mundo da vigília, e se eu os tomo com todas as suas implicações existenciais³⁵.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *La Poétique de l' espace*. Paris: PUF, 1974.
- CAPALBO, Creuza. *A Filosofia de Maurice Merleau-Ponty. Historicidade e ontologia*. Londrina: Humanidades, 2004.
- CUNHA, Maria Helena Lisboa da. *Espaço real, espaço imaginário*. Rio de Janeiro: Editora Uapê Espaço Cultural, 1998.
- _____. *Nietzsche: espírito artístico*. Londrina: CEFIL, 2003.
- CUNHA b, Haroldo Lisboa da. “A geometria de Euclides e o postulado V de seus Elementos”. In OMNIA, RJ, Sepe/SESPA, n° 1, 1982, p. 283-298.
- HEIDEGGER, Martin. *L' Être et le temps*. Trad. Rudolf Boehm e Alphonse de Waelhens. 9. ed. Paris: Gallimard, 1965.

³¹ id., *ibid.*, p. 181.

³² Maurice MERLEAU-PONTY, P.P., p. 277.

³³ F. NIETZSCHE, *La volonté de puissance*, p. livre II, § 330.

³⁴ id. *ibid.*, § 339.

³⁵ Maurice MERLEAU-PONTY. P.P., p. 329.

LOUBET, Maria Seabra. *La Mise en question de l'esthétique par l'art contemporain*. Paris: 1975 (Tese de Doutorado).

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1966.

_____. *L'Oeil et l'esprit*. Paris: Gallimard, 1979.

_____. *Le Visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *La Volonté de puissance*. Trad. Geneviève Bianquis. Paris: Gallimard (TEL), 1997, 2 vs.

SARTRE, Jean-Paul. *Situações, IV*. Trad. Maria Eduarda Reis Colares e Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972.

